

G

GAZETA
NOS
BAIRROS

BELA
AURORA

AJ 00 868-1



**JOÃO BATISTA CÔGO/
COMERCIANTE**

SAI A VIAÇÃO DE ÔNIBUS, ENTRA O MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

**COMERCIANTE
CONTA COMO
EVOLUIU DA ÉPOCA
EM QUE SÓ TINHA
10 PRODUTOS,
EXPOSTOS NA RUA,
ATÉ CHEGAR A UMA
LOJA DE 650
METROS
QUADRADOS**

Como começou a sua trajetória de sucesso?

A minha trajetória começou em 1970, logo que chegamos a Bela Aurora. Vimos de Governador Valadares atraídos por uma viação de ônibus, a Viação Rio Doce, que compramos. Mas o negócio não deu muito certo, porque éramos em quatro sócios e cada um pensava de uma maneira. Só em 1974, começamos com o material de construção. Meu irmão José Antônio Côgo, 52 anos, é meu sócio. Construímos um barraco de madeira e tínhamos cerca de dez produtos, que ficavam expostos na rua. Aos poucos, fomos fazendo as reformas. Só na década

de 80, fizemos o prédio de alvenaria, quando demos uma guinada boa e ampliamos o estoque.

Quais as dificuldades encontradas?

O que mais atrapalhou foi a dificuldade financeira. O fechamento da Ferro e Aço prejudicou muito a economia do bairro. Além disso, fornecíamos cerca de 80% para a empresa.

Em algum momento, o senhor pensou em desistir?

De jeito nenhum. As dificuldades apareciam, mas sempre demos um jeito de passar por elas. Se desistir no primeiro

Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

AJ 00 868 - 2

obstáculo, não avança.

Qual é a receita de sucesso?

A nossa bandeira sempre foi a honestidade. Foi através dela que conquistamos os clientes e nosso lugar no mercado, tanto que estamos há 32 anos no mercado. Começamos com 125 metros quadrados e dois funcionários e hoje estamos com 650 metros quadrados e seis funcionários.

Quais são os planos futuros?

Bom, não pretendemos aumentar mais. Vamos deixar essa tarefa para o pessoal mais novo que está chegando no mercado cheio de energia.

ANA ROSETTO SOARES /
COMERCIANTE

DONA DA PADARIA HÁ 34 ANOS

ANA SOARES LEMBRA DA ÉPOCA EM QUE NÃO HAVIA ENERGIA ELÉTRICA SUFICIENTE NO BAIRRO, O QUE ATRAPALHAVA AS FORNADAS DE PÃO

Texto **TATIANA PAYSAN**
Foto **FULANO DE TAL**

- tmattos@redegazeta.com.br
- Fax: 3321-8765
- Tel.: 3321-8244
- Das 13h às 18h
- Rua Chafic Murad, 902, Ilha de Monte Belo, Vitória, ES. CEP: 29.050-901

Como começou a sua história de sucesso?

Eu morava em Santo Antônio e, em 1972, cheguei a Bela Aurora. Era uma época que não tinha quase nada por aqui. A gente tinha que tirar água de poço e a energia era apenas para a iluminar as ruas. Nesse período, resolvemos abrir a padaria, mas enfrentamos algumas dificuldades. No início, só fazíamos pão. Como não havia outras padarias, a clientela era toda nossa, mas era bem pequena. A ajuda do meu marido Lourival Vianna Soares, 69 anos, foi fundamental já que ele que era o padeiro. Tinham poucos moradores no bairro. Só depois de 20 anos, comecei a fazer as reformas, porque,

assim que o dinheiro ia entrando, construí a minha casa que ainda precisava de acabamento.

E quais foram as dificuldades enfrentadas?

Como a energia era suficiente apenas para iluminar as vias do bairro, ela não suportava as máquinas que tínhamos que ter na padaria. Além disso, o bairro tinha poucos moradores e a maioria não tinha condição financeira muito boa. Nem todo mundo tinha dinheiro para comprar pão todo dia.

Em algum momento, você pensou em desistir?

No início, eu não pensava. Agora, já estou pensando nessa possibilidade,

porque estamos muito cansados.

Qual é a receita de sucesso?

Amor e muito trabalho. É preciso ter muita dedicação e vontade, caso contrário, o negócio não vai pra frente. No começo, éramos eu, meus esposo e mais um funcionário. Hoje, somos eu, meu esposo, a minha filha e mais três funcionários. A loja tinha 240 metros quadrados e hoje tem 480 metros quadrados.

Quais os planos futuros?

A gente não pensa em ampliar mais, porque já estamos cansados. Queremos passar o negócio para uma pessoa que leve a padaria em diante. Seria muito triste fechá-la depois de 34 anos de tradição.



PROBLEMA.

Ana Soares, na foto com o marido, disse que, quando abriu a padaria, a maioria dos moradores não tinha dinheiro para comprar pão todo dia.

FOTO: GABRIEL
LORDÉLLO